



CLAUSEWITZ: AS RELAÇÕES ENTRE A POLÍTICA, A GUERRA E A ESTRATÉGIA

Agenor Francisco Homem de Carvalho

INTRODUÇÃO

Para se compreender a obra-prima de Clausewitz, consubstanciada em "Da Guerra", há necessidade de se conhecer a personalidade do autor e as características da época em que viveu.

Carl von Clausewitz nasceu em 1780 e morreu em 1831 antes de concluir o seu livro clássico, cabendo à esposa a publicação dos manuscritos sob o título por ele escolhido. Em toda a sua carreira militar jamais exerceu uma função de comando importante, apesar de ter participado de campanhas significativas como chefe de estado-maior.

O autor, segundo a sua própria afirmação, tinha a ambição de escrever um livro que não fosse esquecido dois ou três anos depois e que permitisse aos estudiosos do assunto relê-lo por mais de uma vez.

A sua filosofia da guerra sofreu uma grande influência do pensamento políti-

co e militar do século dezoito e do início do século dezenove, particularmente da Revolução Francesa e das campanhas de Napoleão. Utilizando os conceitos fundamentais da época, Clausewitz semeou as idéias que iriam prevalecer no restante do século dezenove e os ideais que ressurgiram no século vinte.

A GUERRA ABSOLUTA E A GUERRA REAL

As forças militares do século XVIII, constituídas em grande parte por profissionais, eram muito dispendiosas. Se aniquiladas, seriam de difícil reorganização. Os príncipes relutavam no engajamento em guerras que acarretassem grandes perdas pessoais e materiais. Os generais, por vezes, serviam a mais de um príncipe e não tinham interesse de prolongar guerras sangrentas. A capitulação não era uma vergonha. O empate, muitas vezes, era um resultado altamente favorável.

A Revolução Francesa, preconizando a liberdade como fé religiosa, fez sobrelevar um fator de incomensurável importância — o moral do combatente. Terminava a era da guerra dos reis e iniciava-se a guerra dos povos.

A Marselheza, o mais comovente de todos os hinos, cantado pela primeira vez em 1792, no início da guerra franco-prussiana, excitou o espírito belicoso dos militares e fomentou o ódio ao inimigo. A partir desse momento a guerra deixou de ser restrita e voltou a ser de grande duração, com conseqüências imprevisíveis.

Clausewitz, que viveu nessa época, influenciado pelas guerras de conquista de Napoleão, lança o seu conceito de guerra absoluta em contraposição à falida guerra limitada que predominara no século XVIII.

Ele zomba da guerra sem violência e sem derramamento de sangue. Ele considera um absurdo introduzir na filosofia da guerra o princípio da moderação. O objetivo da guerra passa a ser a destruição da força armada inimiga. Ele recomenda o emprego brutal do poder e a busca da decisão numa ação ofensiva fulminante.

Esta é a sua concepção de guerra absoluta, voltada prioritariamente para a aplicação do poder terrestre, mas de grande influência na evolução do pensamento estratégico das forças militares pelo menos até à Segunda Grande Guerra.

E o que vem a ser "guerra real"? Segundo Clausewitz, a guerra não é feita com abstração mas com realidade.

A guerra real difere da guerra absoluta porque as condições idealizadas nem sempre ocorrem. Existem muitas incertezas e o acaso interfere na evolução dos acontecimentos. A mobilização não é

instantânea, as decisões são influenciadas por fatores diversos de avaliação nem sempre precisa, a disposição do inimigo para o combate é de difícil mensuração, enfim, o acidental e a sorte desempenham um grande papel na guerra assemelhando-a a um jogo baseado no cálculo das probabilidades.

O desfecho da guerra do Vietname se insere no conceito da incerteza visualizado por Clausewitz na guerra real. Fatores adversos, indevidamente mensurados, tornaram ineficaz o emprego do poder militar norte-americano na área e impediram a consecução de seus objetivos políticos.

Para Clausewitz, o treinamento realístico constitui um dos principais fatores para o emprego eficaz do poder militar. O combatente deve estar familiarizado com a guerra, considerá-la como um hábito e os exercícios em tempo de paz devem ser coerentes com a situação real. As manobras do Pacto de Varsóvia, encerradas em abril próximo passado, não foram coerentes com a conjuntura polonesa da época?

Julgamos que esta concepção de "guerra real" deverá estar sempre presente na formulação de qualquer estratégia militar, tanto no preparo como na aplicação do Poder.

FATORES QUE TENDEM A DIFICULTAR O EMPREGO EFICAZ DO PODER MILITAR, PARA ALCANÇAR OS OBJETIVOS DA POLÍTICA

Não existe na obra de Clausewitz um capítulo específico para abordar este tema. Entretanto, nas linhas e entrelinhas de "Da Guerra" nota-se a preocupação do autor com o emprego eficaz

do Poder Militar, como elemento decisivo para a consecução da vitória e dos objetivos da política.

Num esforço de síntese, correndo o risco de sermos omissos, os fatores que dificultam o referido emprego podem ser grupados nos títulos a seguir especificados.

Despreparo do Poder Militar

Este fator é, a nosso juízo, o que mais deve preocupar o Chefe Político e o Chefe Militar, no que se refere à possibilidade de emprego das Forças Armadas. O adequado preparo do Poder Militar é o melhor modo de se enfrentar a incerteza da guerra.

Clausewitz mostra a necessidade dessa permanente preocupação, desde o tempo de paz, enfatizando a importância da organização das forças e da prestação na mobilização dos recursos humanos e materiais. O treinamento realístico por ele preconizado é, sem dúvida, o melhor modo de minimizar o abismo que existe entre a teoria e a prática.

Clausewitz preocupa-se com o recrutamento em massa, com a renovação das armas e do equipamento, com o suprimento das forças militares, enfim, com a própria militarização do Estado.

É indiscutível que a superioridade e a vantagem, pelo menos inicial, estarão do lado daquele que dispuser de maior potencial e Poder Militar.

Inferioridade Numérica

Clausewitz considera, tanto na tática como na estratégia, a superioridade numérica como o princípio mais geral para se obter a vitória. Entretanto, a inexistência dessa superioridade não significa um pressuposto da derrota.

Clausewitz diz que a superioridade numérica desequilibra o combate. Quando for impossível atingir uma preponderância absoluta, deve ser assegurada uma preponderância relativa nos pontos decisivos, graças a uma judiciosa utilização das forças.

Inferioridade Moral

A perda de uma batalha destrói a energia moral das Forças Armadas mais do que a sua energia física. O peso moral da vitória contribui decisivamente para a consecução de uma paz vantajosa. A magia da vitória e a maldição da derrota convivem no ambiente da guerra.

Clausewitz enfatiza o valor das forças morais e afirma que um exército dotado de virtude militar não está sujeito ao terror pânico do combate. O desaparecimento da ordem, da unidade, da fé e do espírito de corpo torna funesta a resistência individual, destrói a coragem do conjunto e desestimula a tropa de enfrentar o perigo, criando a oportunidade para a destruição das forças físicas do inimigo. O moral da tropa é o cimento que estratifica as demais virtudes guerreiras do combatente, tais como, a coragem, a valentia, a audácia, a temeridade, a astúcia, o entusiasmo, o vigor físico e a bravura.

O fator moral extrapola do exército e das demais forças militares, influencia a opinião pública, o povo e o governo. Os canhões e os prisioneiros sempre foram os verdadeiros troféus da vitória porque permitem avaliar, de melhor modo que o balanço de perdas físicas, o grau de superioridade moral do vencedor. O apoio da população é imprescindível ao eficaz emprego do Poder Militar.

Falta de Liderança

Este aspecto poderia ser inserido no contexto do fator apreciado anteriormente. Entretanto, deixamos de fazê-lo pelo fato de Clausewitz em toda a sua obra ter feito referências freqüentes ao gênio e ao "faro" do general.

A quem o subordinado atribui a responsabilidade dos esforços inúteis? O melhor exército não está livre do desânimo, do desalento, do medo, da fatalidade e da derrota. Entretanto, às vésperas do desastre, quando todos têm o receio de realizar esforços inúteis a favor de uma causa aparentemente perdida, somente duas coisas são capazes de fazer o combatente avançar em vez de recuar: o hábito da guerra e a confiança no Comandante. O líder é aquele que não perde o seu equilíbrio diante da adversidade à semelhança da agulha de uma bússola que mantém a direção no meio da tempestade.

Clausewitz afirma que somente os generais audaciosos, temerários, provocantes, enérgicos, firmes, confiantes e ambiciosos se expõem ao risco de uma batalha decisiva para conseguirem as grandes vitórias. Ressalva, porém, que o talento e o gênio do Chefe são produtos do acaso e não dependem, necessariamente, do grau de educação do povo ou da organização militar. Entretanto, as grandezas morais e intelectuais ornamentam a personalidade dos verdadeiros Chefes.

A liderança é, indiscutivelmente, um fator decisivo à criação do sentimento nacional nas Forças Armadas.

O Terreno e as Condições Meteorológicas

Estes dois fatores estão grupados pela influência negativa que as condições meteorológicas adversas exercem sobre um

terreno agressivo dificultando, sobretudo, o emprego eficaz do Poder Militar.

O terreno é adversário que o soldado sempre terá de enfrentar na guerra, qual quer que seja o inimigo. O conhecimento do terreno, particularmente para o atacante, é um fator importante para a consecução dos objetivos da guerra e, conseqüentemente, dos da política.

Afirma Clausewitz que é mais fácil se fazer a guerra em terreno plano e moderadamente "cultivado". O terreno montanhoso, as regiões nevadas, os pântanos e as florestas reduzem a mobilidade das forças. O terreno inacessível limita e muitas vezes impede o emprego eficaz da cavalaria, dos blindados e da artilharia pesada.

Verificá-se, desse modo, que o terreno exerce um papel tão importante que chega a condicionar a organização do exército para o combate. É evidente, também, que as condições meteorológicas adversas agravam as características do terreno a ponto de, às vezes, sustar a progressão da tropa.

Falta de informação

O conhecimento imperfeito da situação, do terreno e do inimigo limita, significativamente, o emprego eficaz do Poder Militar para alcançar os objetivos da política.

Na guerra visa-se a prováveis vitórias e não a vitórias certas.

A informação é um dos principais meios para se reduzir a incerteza da guerra e para minimizar o excessivo crédito que se dá às más notícias.

Clausewitz diz que os meios do inimigo são passíveis de mensuração enquanto a estimativa de sua disposição para o combate é bastante subjetiva. A avaliação imprecisa da situação, decorrente de informação deficiente, poderá

subestimar ou superestimar o inimigo, influenciando negativamente no preparo e na aplicação do Poder Militar.

"Abastecimento" deficiente

Para Clausewitz, a capacidade de suportar privações é uma das mais belas virtudes militares e sem ela nenhum exército está animado de um verdadeiro espírito guerreiro. Porém, essas privações devem ser temporárias a fim de evitar o enfraquecimento físico e moral do combatente.

Ele preocupa-se com a necessidade do bem-estar do militar, com o provisãoamento, com os serviços sanitários, com a assistência médica, com o trato de feridos e com o repouso da tropa.

Verifica-se, desse modo, a correlação existente entre o apoio logístico (abastecimento para o autor) e o emprego do Poder Militar para a conquista dos objetivos da política. Um apoio deficiente afetará, sem dúvida, a eficácia do emprego das forças militares.

Desperdício de forças

O posicionamento de tropas em locais onde a presença do inimigo não o exige é, na realidade, um desperdício. Entretanto, é perfeitamente válida a manutenção de reservas "frescas" em locais que favoreçam o seu pronto emprego.

A surpresa multiplica o êxito e a segurança é um princípio de guerra clássico. Assim, na batalha decisiva deve-se, em princípio, evitar a dispersão de forças uma vez que esta divide os meios e acarreta perda de tempo. O emprego eficaz do Poder Militar resulta na concentração da maioria de meios sobre o adversário mais temível, sobre o centro de gravidade do inimigo, sobre o seu líder, porque somente assim será possível a

destruição de suas forças e a consecução dos objetivos da política.

Inexperiência de Combate

Clausewitz considera que na guerra a experiência tem mais valor do que qualquer verdade filosófica. Não é admissível que os combatentes se dispersem com alguns tiros de morteiro. As tropas enrijecidas por uma longa prática do perigo, pelo hábito da guerra e pelo ódio ao inimigo alcançam, sem dúvida, resultados imprevisíveis.

A inexperiência do combatente é, pelo menos no início da guerra, um fator que limita sobremodo o emprego eficaz do Poder Militar.

Inabilidade no Relacionamento Político

Clausewitz afirma que as relações políticas conduzidas habilmente propiciam a conquista de potenciais aliados e evitam a aquisição de novos inimigos.

Assim, indiretamente, a inabilidade neste relacionamento poderá concorrer para o fracionamento das forças obrigando-as a se deslocarem para outras partes da frente a fim de se oporem a novos inimigos.

A POLÍTICA, A GUERRA E A ESTRATÉGIA

Sob o ponto de vista filosófico, os conceitos básicos a respeito do relacionamento entre a política e a guerra, emitidos por Clausewitz há mais de cento e cinquenta anos, são ainda levados a crédito pelo Mundo Ocidental e pelo Bloco Comunista.

Para ele, a política é a inteligência do Estado e a guerra é uma condição fundamental da existência humana.

A sua principal contribuição para a teoria da arte militar consiste no fato de considerar a guerra como um instrumento da política. É universalmente conhecida a sua tese de que "a guerra é apenas a continuação da política do Estado por outros meios".

A guerra pertence ao domínio da vida social, surge de uma situação política e é desencadeada por causa de um motivo público.

A essência do ensinamento de Clausewitz consiste em entender a guerra como uma relação internacional que só difere das demais relações internacionais pelo método empregado para alcançar os objetivos da política. A relação entre os Estados é um processo essencialmente dinâmico no qual a guerra se insere com absoluta naturalidade. As relações políticas, apesar de modificadas, não cessam durante a guerra. Assim, a guerra não é somente um ato político mas a continuação do relacionamento político utilizando novos meios. A intenção política é o fim, a guerra é o meio e seria inconcebível considerá-la independente do fim. A guerra, assim visualizada, jamais poderá ser considerada como preceptora da política.

Convém observar que Clausewitz, à sua época, só considerava o conflito entre Estados organizados e a luta de classe não esteve presente nas suas cogitações. Daí ter conceituado a guerra como uma relação internacional.

Se a guerra pertence à política ambas terão, naturalmente, as mesmas características. Se a política for grandiosa e resolva, a guerra também o será. As transformações da arte da guerra decorrem das modificações da política. "A condu-

ção da guerra é, pois, nas suas grandes linhas, a própria política, que agarra na espada em vez da pena, sem deixar por isso de pensar segundo as suas próprias leis".¹

O estado clausewitziano tem a guerra no mais elevado conceito, condena o horror à mesma e estimula o ódio ao inimigo. A guerra, como instrumento da política, só será eficaz se conseguir a projeção e o prestígio do Estado, bem como o respeito ou a submissão de seus pares.

Clausewitz considera a estratégia como a teoria da grande guerra, subordinada à política, mas admite que no seu limite máximo ela se confunde com a administração do Estado e com a própria política. Verifica-se, desse modo, que o conceito de estratégia vigente até o século dezoito — arte do general — é ampliado. A Grande Estratégia, admitida implicitamente por Clausewitz, passa a ser considerada a arte do estadista. Entretanto, em face da amplitude das guerras, a estratégia ainda continuava vinculada, precipuamente, à expressão militar do Poder.

Constata-se, assim, que na filosofia clausewitziana existe uma correlação entre a política, a estratégia e a guerra, onde a primeira é o farol que ilumina a conduta das outras.

Poder-se-ia dizer que àquela época a Grande Guerra se confundia com a Estratégia do mesmo modo que hoje a Grande Estratégia se confunde com a Política Nacional.

¹ Clausewitz, Carl von. *Da Guerra / Vom Kriege* / Trad. Maria Teresa Ramos. Lisboa, Perspectivas & Realidades, 1976. p. 743.

FUNÇÕES PRÓPRIAS DAS LIDERANÇAS CIVIL E MILITAR, NA FORMULAÇÃO E EXECUÇÃO DA POLÍTICA EXTERNA E DA ESTRATÉGIA MILITAR DE UMA NAÇÃO

Na sua obra "Da Guerra", Clausewitz não faz uma referência direta à liderança civil. Entretanto, pode-se considerar que esta liderança está implícita quando ele admite que o príncipe, o homem de Estado e o general podem deixar de estar reunidos numa só pessoa. Tendo em vista esta assertiva e aquela em que considera um absurdo subordinar o ponto de vista político ao militar, pode-se admitir, também, que esta liderança civil está vinculada à liderança política e assim a consideraremos na abordagem deste tema.

É de importância vital, segundo Clausewitz, ter sempre em mente que o objetivo precípua da guerra não deve ser considerado sob a ótica do soldado, do administrador ou do político, mas sim da política que representa, na realidade, a síntese dos interesses de toda a humanidade.

Considerando inseparáveis a política e a estratégia, ele visualiza o objetivo político como um "fio escarlate" que deve desenrolar-se ao longo de todas as operações militares.

Deve-se, todavia, evitar o conflito entre os interesses políticos e militares. Há necessidade de serem compatibilizados os objetivos com os meios a fim de que não ocorram faltas ou excessos. Clausewitz enfatiza que a política não deve fazer exigências superiores à capacidade da guerra. Se os objetivos políticos forem incompatíveis com os meios disponíveis estar-se-á dando o primeiro passo em direção à derrota. Por outro lado, os

objetivos da guerra não podem extrapolar os objetivos da política.

Para Clausewitz, o objetivo da guerra é a derrota do inimigo e a destruição do seu exército é uma condição indispensável à vitória. O objetivo deve ser conquistado o mais rápido possível porque as condições políticas podem mudar de um momento para outro.

Estas idéias básicas devem nortear o papel das lideranças civil (política) e militar na formulação e execução da política externa e da estratégia militar de uma nação.

O horizonte da liderança política deve ser mais amplo que o da liderança militar porque à liderança civil cabe a declaração da guerra e, uma vez conseguida a vitória, a obtenção de uma paz vantajosa que compense o desgaste da nação. Assim, a liderança política deve ter uma prioridade sobre a liderança militar mesmo porque o militar deve servir ao Estado e a recíproca não é verdadeira.

À liderança militar cabe a sabedoria estratégica de fazer o melhor uso dos meios disponíveis, de escolher o momento e o local apropriados para a condução da batalha decisiva e de empregar judiciosamente as forças militares, tendo sempre em mira os objetivos políticos estabelecidos pela liderança civil. Segundo Clausewitz, o êxito estratégico consiste em saber servir-se da vitória. Não se deve dar o primeiro passo sem pensar no último.

Convém observar que não deve haver uma dicotomia entre as lideranças civil e militar. Não só os dirigentes políticos devem ter uma visão ampla do conjunto da política e da guerra, mas também os chefes militares dos mais elevados escalões.

É interessante reiterar que as intenções políticas iniciais podem alterar-se

no decurso da guerra e, no fim, tornam-se completamente diferentes em função dos êxitos ou dos insucessos. Quando a derrota é iminente e as perdas são incomensuráveis, há necessidade de modificar os objetivos políticos e, se conveniente, assinar a paz. O difícil é saber quando parar, sem ser fraco ou pusilânime. Para Clausewitz há um momento além do qual a perseverança e o orgulho se transformam numa loucura desesperada que nenhuma crítica histórica pode aprovar. Em Waterloo, Bonaparte pretendeu modificar o curso de uma guerra perdida e arriscou seu último vitória numa empresa falida.

Este fato serve para realçar a necessidade de entendimento mútuo entre as lideranças civil e militar na execução da política externa e da estratégia militar de uma nação. Segundo Clausewitz, este entendimento deve ser encarado como uma cooperação mútua e jamais uma influência da liderança militar sobre a política por ser bastante perigosa.

Por outro lado, a liderança civil não deve penetrar nos detalhes da guerra. Clausewitz confirma este ponto de vista ao afirmar que "não se colocam sentimentos e não se manda patrulhar por motivos políticos".² Entretanto, a participação da liderança política no planejamento global da guerra é necessária e benéfica.

A concepção de Clausewitz a respeito do papel das lideranças política e militar não foi aceita pacificamente. Alguns de seus ilustres sucessores a contestaram. Ludendorff, por exemplo, proclamava que a política deveria ficar subordinada à guerra. Entretanto, os exemplos histó-

ricos vieram mostrar o equilíbrio e o bom senso da filosofia clausewitziana.

A insistência do extraordinário General Mac Arthur em não querer subordinar os objetivos militares da Guerra da Coreia aos objetivos políticos americanos, determinou a sua substituição por ordem do Presidente Truman. Naquela ocasião, o governo americano considerava o ataque ao território chinês uma guerra no local errado, contra o inimigo errado e no momento errado.

Não é escopo de nosso trabalho julgar se a política norte-americana na área estava certa ou errada. Entretanto, segundo a teoria de Clausewitz, Mac Arthur não tinha outra alternativa senão a de seguir os ditames da política.

Esta concepção de subordinar a guerra à política continua a prevalecer no mundo atual e representa na realidade, a nosso ver, a fonte que deve iluminar o pensamento estratégico.

Hoje, mais do que ontem, a subordinação da liderança militar à liderança política é aceita com naturalidade e já faz parte do consenso das nações do mundo civilizado.

CONCLUSÕES

A História Militar é uma fonte de ensinamentos para a crítica. Qualquer documento ou estudo relativo à evolução do pensamento estratégico militar que omita a contribuição de Clausewitz será, sem dúvida, incompleto e irreal.

É evidente que várias de suas idéias, adequadas à época em que viveu, não mais se ajustam à realidade atual. Apesar de considerado um teórico e ultrapassado em alguns conceitos, sua obra permanecerá indelével através dos tempos.

Seu livro "Da Guerra" apesar de volumoso, monótono, repetitivo e até mes-

² Clausewitz, Carl von, op. cit. p. 738.

mo contraditório em certos detalhes, continuará a ser lido e relido, conforme desejou, através de sucessivas gerações de estudiosos políticos e militares.

Sua filosofia referente ao relacionamento entre a política e a guerra sequer foi abalada com a introdução do componente ideológico na guerra revolucionária. Pelo contrário, foi reforçada com a adesão de Lenine e de Mao Tse Tung a ponto deste ter declarado que o poder militar nasce do fuzil, que o partido comunista comanda o fuzil e que jamais será permitido que o fuzil comande o partido.

A concepção clausewitziana de guerra real deverá estar sempre presente na formulação de qualquer estratégia militar, tanto no preparo como na aplicação do Poder. A incerteza, o acaso, o acidental e a sorte convivem no cenário da guerra. Os treinamentos realísticos constituem o melhor modo de instruir o combatente, de habituá-lo à guerra e de minimizar a sua incerteza.

As idéias que propagou relativas ao emprego eficaz do Poder Militar permanecem inquestionáveis. Que chefe militar pode descurar do moral de sua tropa? Que estadista pode descuidar da capacidade de mobilização de seu país? Que general, por mais estudioso que seja, pode ser um estrategista se lhe faltar o "faro" da guerra? Que Chefe de Esta-

do pode relegar a plano secundário o preparo do Poder Militar de uma nação?

Clausewitz foi um sábio ao mostrar a necessidade de conciliar os interesses políticos e militares na condução da guerra.

Clausewitz, de espírito belicoso e amante da guerra, talvez não se tenha realizado profissionalmente por jamais ter exercido um Grande Comando na sua vida militar. Entretanto, através de suas memórias e manuscritos entrou para a História com maior brilho e permanência do que inúmeros ilustres generais.

Se vivo fosse estaria atento à evolução dos acontecimentos e à luz da vivência de nossa geração faria adaptações na sua filosofia de guerra que seriam válidas através dos tempos, até mesmo na política e na estratégia aeroespacial.

BIBLIOGRAFIA

1. BRASIL Escola de Guerra Naval. EGN — 302 — *Elementos de Estratégia*. Rio de Janeiro, 1973.
2. CAMINHA, João Carlos Gonçalves. *Delimitamentos da Estratégia*. Florianópolis, 1980.
3. CLAUSEWITZ, Carl von. *Da Guerra / Vom Kriege* / Trad. Maria Teresa Ramos. Lisboa, Perspectivas & Realidades, 1976.
4. FULLER, J. F. C. *A conduta da guerra, de 1789 aos nossos dias*. Trad. Hermann Berqovist. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1966.



O Coronel de Artilharia Agenor Francisco Homem de Carvalho foi promovido ao posto atual, por merecimento, em 25 de dezembro de 1980. Possui os cursos da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), de Técnica de Ensino, da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), Curso Superior de Guerra da Escola de Guerra (Itália) e Curso Superior de Guerra Naval (EGN). É Bacharel em Ciências Administrativas. Foi instrutor da ECEME durante oito períodos letivos. O presente trabalho está calcado no ensaio realizado pelo Autor quando frequentou o Curso Superior da Escola de Guerra Naval.